

AUTISMO

ANIMOSTRA

AMMOSTR

AUTISMO

Uma visão atual

**Das crianças selvagens
aos transtornos de
neurodesenvolvimento**

70

Rio de Janeiro, 2025

Autismo: Uma visão atual

Copyright © 2025 Edições 70.

Edições 70 é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 by Francisco B. Assumpção Jr.

ISBN: 978-65-5427-302-2

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

AB846a
1.ed. Morris, Tom.
Autismo: Uma Visão Atual / Francisco B.
Assumpção Jr.
- 1.ed. - Rio de Janeiro : Edições 70, 2025.
352 p. : 15,7 x 23 cm.
ISBN 978-65-5427-302-2
1. Autismo.
2. Psicopatologia.
3. Transtorno do Espectro Autista.
4. Diagnóstico clínico.
5. Neurodesenvolvimento.
I. Título. CDD 616.85882
Índice para catálogo sistemático:
1. 616.85882 - Transtornos do espectro autista (TEA).

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Marco Pace

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Andreza Moraes

Revisão: João Paulo Guterres

Diagramação: Anthes

Capa: Rita Motta



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



Apresentação

Quando comecei a estudar o autismo, há cerca de 50 anos, o mundo era bastante diferente e, conseqüentemente, o conceito e a abordagem de autismo também o eram, uma vez que a ciência não é independente do ambiente social que a circunda e que lhe aporta exigências e formas de ver e interpretar os fenômenos naturais.

Ainda era vigente a descrição de Kanner que, temos que lembrar, era discípulo de Adolf Meyer e, conseqüentemente, da escola psicobiológica, que apresentava características próprias e considerava o homem doente como fruto não somente de seus aspectos biológicos, mas também de suas características de personalidade, história de vida e questões sociais.

Cabe lembrar ainda a visão psicanalítica dominante na época, que representava, ainda que de modo um pouco fantasioso, uma tentativa de compreensão do ser humano enquanto indivíduo.

Predominava assim, na Psiquiatria, uma visão proveniente principalmente da Europa continental, caracterizada pela influência da fenomenologia e que constituía aquilo que, na Psiquiatria de adultos, era bem representada pelo que se denominava corrente organo-dinâmica, que tinha em Henry Ey um de seus maiores representantes e que, na Psiquiatria infantil, era representada primordialmente por J. Ajuriaguerra.

O tempo passou, o mundo mudou e o pensamento, profundamente influenciado pelas correntes hegemônicas derivadas do poder político e econômico, deslocou-se da velha Europa continental para o pensamento anglo-americano, totalmente diferente, muito mais pragmático e, porque não dizer, operacional, que “trocou as escolas por escalas” e transformou o pensamento psiquiátrico em um modelo unidirecional, mecanicista, mas principalmente popular, posto que começou a explicar “quase tudo” e permitiu que os especialistas cedessem lugar aos “auto-diagnósticos” muitas vezes incorretos com a imprecisão decorrente dos resultados de buscas online que levam ao atraso na descoberta dos eventuais problemas e, conseqüentemente, do tratamento adequado. Isso porque, a partir do que é encontrado na internet, é muito comum que pacientes se automediquem e se tratem com as conseqüentes complicações.

A facilidade de acesso à internet e os mecanismos de busca são fatores que levam os pacientes, especialmente os mais jovens, a abandonar os consultórios médicos e laboratórios de exames em todo o Brasil. Assim, principalmente pacientes das gerações mais novas, em especial de classes A e B, são os que mais trocam o atendimento médico por pesquisas online — fato esse relacionado a um estilo de vida cada vez mais digital e imediato — com terapias medicamentosas também sendo amplamente divulgadas e adotadas pelos pacientes, mesmo sem comprovação científica, o que coloca o autodiagnóstico e a automedicação entre as principais preocupações dos profissionais de saúde neste momento (<https://portaltelemedicina.com.br/autodiagnostico>).

Claro que esse fenômeno não foi exclusivo do pensamento psiquiátrico.

Ao contrário, ele representa aquilo que Bauman (2007) se refere, quando diz que as pessoas fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm à sua disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo, sendo esses eles mesmos. Elas são, assim, os promotores e as próprias mercadorias que são vendidas.

Exatamente dentro desse espírito passamos a escutar, dentro da popularização, divulgação e venda dessas mercadorias pessoais, alunos que, tomando o café na Universidade dizem uns aos outros:

- “Hoje eu acordei bipolar...” ou
- “Descobri, depois de 25 anos de casada, que meu marido é autista...”

Dessa forma, ambos se incluem, não importa o que digam estatísticas e especialistas, em um nicho de mercado que faz com que profissionais, e a própria sociedade, conforme diz o próprio Bauman (2007), tenham que se remodelar para que atendam a essa demanda.

Isso passa a ser tão visível que se indefinem fronteiras para que “se rompam as estruturas de poder” e se altere a linguagem que “controla a sociedade e o como se pensa”.

Consequentemente, relativiza-se a cultura, que passa a ser individualizada ou representativa de pequenos grupos, sendo que qualquer crítica de fora dessa deixa de ter valor. Perdem-se também as noções de individual e universal concentrando-se os conceitos na mera noção de conjuntos de pessoas com as mesmas experiências e percepções.

Em função disso, esses discursos produzidos pela própria máquina de mercado ganharam legitimidade social como verdades absolutas, e as pessoas foram aprendendo a falar esses discursos e a pensar a partir deles, internalizando-os como “normais” e, o que é pior, científicos.

Dessa maneira a Psiquiatria passou a ter que se perguntar qual o seu objeto de estudo.

Ela estuda doenças? Ela considera Prejuízos Adaptativos que envolvam funcionalidade? Ela é responsável por suprir a insatisfação decorrente de normas sociais? Ela preocupa-se com diminuir o sofrimento social derivado de uma sociedade com poucos projetos existenciais?

Diante de todas essas considerações, escrever um livro sobre autismo me pareceu um desafio, pois eu poderia fazer um texto eminentemente biologicizante, que suprisse as exigências dos cânones tradicionais embasado nos critérios diagnósticos que caracterizam e justificam todos os autodiagnósticos, ou eu poderia fazer algo que suprisse uma demanda de um grupo social “normalizando” prejuízos adaptativos com finalidades mercadológicas e ideológicas.

A opção foi não fazer nenhuma das duas coisas e assim surgiu este texto.

Ele se inicia a partir da tentativa de se traçar um panorama que refere a evolução do próprio conceito de autismo, que tem suas origens nas questões das crianças isoladas ou das crianças selvagens, frequentes nas descrições dos séculos XVIII e XIX relacionando, gradualmente aos modelos psicopatológicos do século XIX, dos quais o próprio termo deriva e que hoje são esquecidos, devido exatamente ao pensamento pouco compreensivo e raso contemporâneo.

Culmina com a ideia, não tão moderna, de “espectro” autista e tangencia alguns modelos cognitivos, em voga, de compreensão.

Daí em diante, a preocupação é mais prática e voltada ao clínico, englobando o diagnóstico de forma detalhada, e não somente a partir do preenchimento mecânico de escalas. Tenta-se assim não trocar “escolas por escalas”, correndo-se o risco de se parecer antiquado.

O diagnóstico diferencial e as comorbidades me pareceram importantes de serem pensados, uma vez que aquele é definido como uma hipótese formulada pelo médico, que toma por base a sintomatologia (sinais e sintomas) apresentada pelo paciente durante o exame clínico, conforme a qual ele restringe o diagnóstico a um grupo de possibilidades que não podem deixar de ser elencadas como prováveis. Assim pensá-lo é evitar os raciocínios diagnósticos superficiais e rasos bem como os autodiagnósticos.

Quanto às comorbidades, outro modismo da pós-modernidade, elas correspondem à ocorrência de duas (ou mais) doenças relacionadas em uma mesma pessoa, ou seja, são doenças habitualmente preexistentes que, quando associadas a uma nova doença, agravam o quadro clínico, pois podem se potencializar, provocando o agravamento uma da outra. Essa ideia

me pareceu importante, uma vez que hoje, em relação ao autismo, muitas vezes se confunde sintomatologia com comorbidade.

A disseminação do conceito de autismo enquanto “produto” cada vez mais popularizado e divulgado fez com que pensar os níveis de gravidade no TEA fosse importante, principalmente comparando as condutas observadas dentro de um prisma de evolução humana e de adaptabilidade ao ambiente, seja esse físico ou social, ocasionando um melhor ou pior prognóstico.

O tratamento proposto sempre é importante em uma publicação para o clínico e, aqui, tentamos abordar, ainda que de modo sucinto, a psicofarmacoterapia, bastante específica para sintomas-alvo e não generalizável para os Transtornos do Espectro Autista, bem como o processo de reabilitação, fundamental no estabelecimento de um projeto terapêutico que foi diagramado conforme as diferentes faixas etárias e níveis de gravidade visando a orientação ao clínico interessado.

Finalmente, seria impossível não falar do que se pensa sobre autismo nesta pós-modernidade, na qual se observa aquilo que Bauman (2007) denomina “o fetiche da mercadoria”, que oculta da visão a substância dos produtores e a realidade que é modificada pela própria sociedade de consumidores, banalizando-se assim conceitos, diagnósticos e, principalmente, pessoas.

Dentro desses aspectos é que pensei na questão, tão moderna, da neurodiversidade.

Finalmente, e pensando tanto no clínico quanto nas próprias consequências sociais e econômicas da banalização da abordagem e do fenômeno, seria impossível não se falar da questão pericial, posto que hoje demanda-se do médico assistente “laudos” com vistas a demandas judiciais e assim, ele sem saber, é envolvido em questões que extrapolam o seu conhecimento e que, muitas vezes pelo espírito hipocrático de “sempre ajudar” termina por criar situações desagradáveis, quando não prejudiciais, para si mesmo.

Dessa maneira procuramos abordar desde aspectos conceituais até as situações de atuação do médico perito em relação às demandas mais comuns, considerando-se os seus deveres e o seu real papel.

Este trabalho, portanto não foi construído da forma habitual que um livro de autismo é escrito na pós-modernidade.

Ele foi realizado visando o clínico e não populações específicas (como já me foi cobrado várias vezes) de ativistas ou ideólogos.

Minha preocupação foi a de refletir, orientar e possibilitar um melhor atendimento a essa população.

Espero tê-lo conseguido.

Caso não o tenha, lamento, mas foi o melhor que consegui fazer e, conforme falei a alguém que questionou um trabalho anterior, quando se escreve algo, sempre se possibilita novos caminhos que outros podem trilhar de forma melhor e mais completa.

São Paulo, outono de 2024

Prof. Dr. Francisco B. Assumpção Jr.

Autodiagnostico. <https://portaltelemedicina.com.br/autodiagnostico>
Bauman, Z. Vida para consumo. Rio de Janeiro; Zahar; 2008

AMMOSTR

Transtornos do Espectro Autista. A evolução do conceito

1. A criança isolada

Esta é uma questão antiga e complexa, uma vez que muitos são os casos de humanos que, entregues a si próprios e longe da civilização, desenvolveram quadros característicos e que hoje, dado nosso “*furor classificandi*”, catalogamos psicopatologicamente e tentamos avaliá-los de forma mecanicista e reducionista, falhando exatamente na tentativa de compreendê-los em sua humanidade.

Na maior parte das vezes, essas crianças isoladas e abandonadas sobreviveram devido ao apoio de animais, o que se pode facilmente observar dadas as designações que receberam e que permaneceram em nossa memória até o presente, conforme podemos observar no quadro abaixo¹.

Quadro 1 – Meninos Selvagens descritos na literatura a partir do século XVII.

Nome	Data da descoberta	Idade quando descoberta	Primeira comunicação sobre o caso
Menino-lobo da Hesse	1344	7 anos	Camerarius, 1602
Menino-lobo de Weteravia	1344	12 anos	Von Schreber, 1775
Menino-urso da Lituânia	1661	12 anos	Linneo, 1758
Menino-carneiro da Irlanda	1672	16 anos	Tu/p, 1672

(continua)

¹ O menino selvagem. Estudo do caso de uma criança selvagem retratado no filme “O menino Selvagem de François Truffaut; trabalho realizado por Jorge Gonçalves e Maria Alexandra Peixoto no âmbito da Cadeira de História e Filosofia da Educação leccionada pela Prof. Olga Pombo ano letivo 2000/2001. Este trabalho teve por base uma primeira versão da autoria de Mónica Caldeira e Dora Oliveira realizada no ano letivo de 1999/2000

Quadro 1 – Meninos Selvagens descritos na literatura a partir do século XVII. (Continuação)

Nome	Data da descoberta	Idade quando descoberta	Primeira comunicação sobre o caso
Menino-boi de Bamberg	1680		Linneo, 1758
Menino-urso da Lituânia	1694	10 anos	Condillac, 1746
Menino-urso da Lituânia		12 anos	Connor, 1698
Menina de Kranenburg	1717	19 anos	Linneo, 1738
Rapaz dos Pireneus	1719		Rousseau;1754
Rapaz dos Pireneus	1719		Linneo, 1758
Pedro, o selvagem de Hannover	1724	13 anos	Rosseau, 1754
A menina de Sogny	1731	10 anos	Racme,1747
João de Liège		21 anos	Drgby, 1644
Tomko de Zips (Hungria)	1767		Wagner, 1794
A menina-urso de Karpfen (Hungria)	1767	18 anos	Bunneterre, 1800
Victor de Aveyron	1799	11 anos	Itard,1801
Kaspard Hauser de Nuremberg	1828	17 anos	Von Feuerbach, 1832
A menina-cabra de Salzburgo		22 anos	Horn, 1831
O menino de Hasanpur	1843		Sjaeman, 1858
O 1º menino de Sultanpur	1843		Sleeman, 1858
O 2º menino de Sultanpur	1848		Sleeman, 1858
O menino de Chupra	1849		Sleeman, 1858
O 1º menino de Lucknow			Sleeman, 1858
O menino de Bankipur			Sleeman, 1858
O menino do Capitão Egerton			Sleeman, 1858
Clemens, o menino cerdo, de Overdyke			Tylor, 1863
O menino-lobo de Overdyke			Tylor, 1863
Dina Sanichar, de Sekandra	1872	6 anos	Ball, 1880
O 2º menino de Sekandra	1874	10 anos	Ball,1880
O menino de Shajahampur	1875	6 anos	Ball, 1880

(continua)

Quadro 1 – Meninos Selvagens descritos na literatura a partir do século XVII. (Continuação)

Nome	Data da descoberta	Idade quando descoberta	Primeira comunicação sobre o caso
O 2º menino de Lucknow	1876		Ball, 1880
A menina de Jalpaiguri	1892	8 anos	Journal da Sociedade Antropológica de Bombaim
O menino de Batzipur	1893	14 anos	Frazer, 1929
O menino-lobo de Kronstadt		23 anos	Rauber, 1885
A menina das neves de Justedal		12 anos	Le Roux, 1895
O menino de Sultampur	1895	4 anos	Ross, 1895
Lucas, o menino-macaco da África do Sul	1904		Foley, 1940
O menino -pantera índio	1920		Demaison, 1953
Amala de Midnapore	1920	2 anos	Squires, 1927
Kamala de Midnapore	1920	8 anos	Squires, 1927
O 1º menino-leopardo			Stuart Baker, 1920
O menino de Maiwana			"The Pioner", 1927
O menino de Jhansi	1933		Zingg, 1940
Um menino-lobo índio			Hutton, 1939
O menino de Casamance	1930	16 anos	Demaison, 1953
Assicia de Libéria	1930		Demaison, 1953
O 2º menino-leopardo		8 anos	Zingg, 1940
Ana da Pensilvânia	1938	6 anos	Davis, 1940
Edith de Ohio	1940		Maxfield, 1940
O menino-gazela da Síria 1946	1946		Demaison, 1953
Ramon, o menino de Nova Deli	1954		Agência France Presse, 1954
O menino-gazela da Mauritânia	1960		Auger, 1963
O menino-macaco de Teerã	1961	14 anos	Agência France Presse, 1961

De todas essas crianças citadas, talvez as duas mais importantes e de conhecimento público sejam Vitor, o selvagem de Aveyron e Kaspar Houser,

ambos transformados em filmes por François Truffaut (1970)² e por Werner Herzog (1974).

Um rapaz de 11 ou 12 anos, que tinha sido entrevistado alguns anos atrás nos bosques da Caume, completamente nu, procurando bolotas e raízes com as quais se alimentava, foi encontrado, no mesmo sítio, no fim do século VII por três caçadores, que o apanharam quando trepava em uma árvore para fugir aos seus perseguidores. Levado para uma aldeola da vizinhança e confiado aos cuidados de uma viúva, fugiu uma semana depois e refugiou-se nas montanhas, por onde andou durante os frios mais rigorosos do Inverno, mais revestido do que vestido por uma camisa em farrapos, retirando-se de noite para lugares solitários, aproximando-se de dia das aldeias das redondezas, levando, assim, uma vida errante, até entrar um dia, por sua vontade, numa casa habitada no cantão de Saint-Servin. Voltou a ser apanhado, vigiado e tratado por dois ou três dias; dali, transferiram-no para o hospício de Saint-Affrique, depois para Rodez, onde foi mantido por vários meses. Durante a sua estada nesses diversos lugares, viram-no sempre igualmente feroz, impaciente e irrequieto, tentando continuamente fugir e proporcionando material para as mais interessantes observações, recolhidas por testemunhos dignos de fé e que não me esquecerei de citar nos artigos deste ensaio onde for melhor destacá-los. Um ministro, protetor das ciências, achou que a ciência do homem moral poderia tirar alguns ensinamentos deste acontecimento, e ordenou que a criança fosse levada a Paris, onde chegou no fim do século VIII sob a guarda de um pobre e respeitável ancião, que, obrigado a deixá-la pouco depois, prometeu vir buscá-la e se fazer de seu pai, se a sociedade alguma vez a abandonasse. As esperanças mais brilhantes e menos racionais tinham precedido em Paris o Selvagem de Aveyron. Muitos curiosos alegravam-se de antemão, imaginando qual seria a sua surpresa ao ver todas as coisas belas da capital. Por outro lado, muita gente, recomendável para além do mais pelo seu saber, esquecendo que os nossos órgãos são proporcionalmente menos flexíveis e a imitação, proporcionalmente mais difícil, quanto mais longe o homem está da sociedade e da época da sua primeira idade, pensaram que a educação desse indivíduo seria apenas uma questão de alguns meses e que, em breve, o ouviriam referir-se à sua vida passada, contando os pormenores mais picantes. Em vez de tudo isto, o que viram? Uma criança horrivelmente suja, afetada por movimentos espasmódicos e muitas vezes convulsivos, que se balanceava sem parar como alguns animais do zoológico, mordida e arranhava quem a servia; enfim, indiferente a tudo e não prestando atenção a ninguém. Imagina-se

² Os Progressos de um Jovem Selvagem; J. Itard IN. O menino selvagem. Estudo do caso de uma criança selvagem, retratado no filme "O menino selvagem", de François Truffaut; Trabalho realizado por Jorge Gonçalves e Maria Alexandra Peixoto no âmbito da Cadeira de História e Filosofia da Educação leccionada pela Prof. Olga Pombo ano letivo 2000/2001. Este trabalho teve por base uma primeira versão da autoria de Mónica Caldeira e Dora Oliveira realizada no ano letivo de 1999/2000

facilmente que um ser desta natureza só podia provocar uma curiosidade momentânea. Acorreu-se em multidão, viu-se sem observar, julgou-se sem conhecer e não se falou mais do assunto. No meio desta indiferença geral, os administradores da Instituição Nacional dos Surdos-Mudos e o seu célebre diretor não esqueceram que a sociedade, ao trazer para o seu seio este jovem infeliz, tinha contraído para com ele obrigações indispensáveis que lhe compelia cumprir. Compartilhando então as esperanças que eu punha num tratamento médico, decidiram que a criança fosse confiada aos meus cuidados.

Como outras crianças encontradas em situações semelhantes, esse menino foi diagnosticado como uma das crianças selvagens, seguindo-se o modelo de pensamento da época, segundo o qual o homem nasceria “em branco”, com a sociedade inscrevendo sobre ele as suas características.

Dentro dessa forma de compreender a questão, pensava-se então que o ser privado precocemente do contato interpessoal adquirisse as manifestações primitivas e, por isso, poderia ser estudado de maneira puramente biológica e pensado até como representando uma espécie característica, da forma como algumas dessas crianças são descritas por Lineu.

Essa ideia é enfatizada por Locke, quando refere que o homem apreende a natureza a partir de seus sentidos, negando que a sua racionalidade seja natural. Considera assim a experiência como a fonte do conhecimento que, em si, não possuiria um caráter absoluto. Ele parte assim da ideia de que, ao nascer, o homem é uma “*tabula rasa*” “sobre o qual se pode imprimir o que se quer” (Locke, 1986; p.10) e, conseqüentemente permite que se pense que a mente da criança é preenchida sempre a partir dos conteúdos de sua experiência (Santos, Góis; 2009).

Assim, dentro da perspectiva da época, ao ser retirada de seu habitat original, essa criança selvagem é levada para o hospício de surdos-mudos de Saint-Affrique e depois para Roez, onde permaneceu por algum tempo, a partir de uma ideia científica de integração na civilização. Isso lhe proporcionou inúmeras avaliações e exames, entre as quais os de Philippe Pinel, que o considerou um ser inferior, inclusive a alguns animais domésticos, caracterizando o seu olhar sem fixação e expressão, a sua insensibilidade a ruídos fortes, a mudez, o olfato indiferente e o tato restrito à função de apreensão de objetos. Considerou-o ainda desprovido de memória, juízo, capacidade de imitação e de formas de comunicação, bem como sendo insensível a demonstrações de afeto.

Dessa forma, Pinel o diagnostica como um idiota, incapaz de ser ensinado e de se socializar.

É Itard, ex-aluno de Pestalozzi e, portanto bastante influenciado pelos pensadores do momento, entre os quais Rosseau, Locke e Condilac, que vai se atrever a pensar em educá-lo e inseri-lo socialmente.

Partindo da ideia de que, ao ser abandonada, essa criança já possuía conhecimento de algumas coisas e que esse conhecimento, devido ao seu isolamento, tinha sido apagado de sua memória, é que Itard o considerou um caso médico, ligado à medicina mental e, diante disso, desenvolveu cinco objetivos principais a serem atingidos por ele e que se constituirão no primeiro modelo de abordagem médico-pedagógica.

Isso porque, para ele, a base do conhecimento seria formada por ideias simples, derivadas da percepção sensorial, com a razão e o entendimento constituindo a matéria-prima que formaria ideias complexas, uma vez que seria a razão que teria a capacidade de combinar e organizar as impressões recebidas sensorialmente, construindo um sistema mais significativo de conhecimento (Santos, Góis; 2009).

São essas as proposições de Itard para a abordagem do Selvagem de Aveyron³, proposições francamente apoiadas nas ideias de Locke, que entendia que a mente da criança precisava ser preenchida o mais cedo possível, uma vez que as primeiras impressões seriam importantes para a formação do adulto (Santos, Góis, 2009).

Deve-se considerar ainda que Itard, como adepto também das ideias de Condilac, apegou-se a um trabalho de educação e insistiu nesse processo, considerando esse menino enquanto um caso totalmente médico, com seu tratamento pertencendo à medicina moral (Lobo; 2016). Assim, esse trabalho apoiou-se em algumas proposições:

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO – “Atraí-lo para a vida social, tornando-a mais suave do que a que levou até então e, sobretudo, mais parecida com a vida que acabava de deixar”;

SEGUNDA PROPOSIÇÃO – “Despertar a sensibilidade nervosa com os estimulantes mais energéticos e, às vezes, pelas emoções mais vivas da alma”;

TERCEIRA PROPOSIÇÃO – “Alargar a esfera das suas ideias, criando-lhe necessidades novas e multiplicando as suas relações com os seres que o rodeiam”;

³ Os Progressos de um Jovem Selvagem; J. Itard IN O menino selvagem Estudo do caso de uma criança selvagem retratado no filme “O menino selvagem” de François Truffaut; Trabalho realizado por Jorge Gonçalves e Maria Alexandra Peixoto no âmbito da Cadeira de História e Filosofia da Educação leccionada pela Prof. Olga Pombo ano letivo 2000/2001. Este trabalho teve por base uma primeira versão da autoria de Mónica Caldeira e Dora Oliveira realizada no ano letivo de 1999/2000

QUARTA PROPOSIÇÃO – “Levá-lo ao emprego da palavra, determinando o exercício da imitação pela lei imperiosa da necessidade”; e

QUINTA PROPOSIÇÃO – “Exercitar, durante algum tempo, sobre os objetos das suas necessidades físicas, as mais simples operações do espírito, determinando de imediato a aplicação sobre objetos de instrução”.

Outra descrição interessante de uma situação similar é a de Wasserman (1908/2023), quando refere que

“Estranhos ruídos circularam em Nuremberg, nos primeiros dias do verão de 1828, sobre um rapaz detido na torre de um castelo de Vestner. Todas as pessoas que dele se aproximavam ficavam intrigadas com a sua origem misteriosa e a sua conduta.

Era um adolescente, pois contava com, aproximadamente, dezessete anos. Ninguém sabia de onde viera, sendo ele próprio incapaz de o dizer. Falava quase como uma criança de dois anos, balbuciando algumas palavras vazias de sentido, repetindo-as ora tristemente, ora com alegria, e que pareciam ser, antes que palavras, sinais de prazer ou de angústia. Andava como um menino que ensaiasse os primeiros passos, prudentemente, com absoluta falta de jeito.”

Ambas as crianças descritas trazem à tona a controvérsia entre o inatoadquirido, que permearia o pensamento científico durante os dois séculos seguintes com predomínio, ora de uma, ora de outra tendência.

Esse modelo se contrapõe ao pensamento de Descartes, que defendia a presença de ideias inatas, sem origem na experiência humana e presentes na intuição intelectual embasada na razão (Santos, Góis; 2009).

A questão continuaria durante todo o século XX, inicialmente dentro do conceito amplo de doença mental, porém a veremos mais claramente nos quadros demenciais e de deficiência intelectual e, posteriormente na concepção das psicoses infantis e dos transtornos do espectro autista.

Até o fim do século XVIII, observa-se o predomínio do monogenismo, doutrina que se apoiava na visão cristã de mundo, segundo a qual todos os homens tinham origem num par ancestral. Essa forma de ver o mundo favoreceu a noção de uma identidade “natural” da espécie humana e assim, as diferenças em cor, temperamento ou estatura seriam passíveis de serem atribuídas a processos de degeneração, a “poderes internos” ou a fatores ambientais, tais como o clima ou a geografia, bem como a fatores sociais, morais ou culturais. Essa foi a visão teórica que apoiou a ideia das “crianças selvagens”(Jorge; 2015).